***Solomon Solomon***

*479 D.D.C.*

A casa de Solomon é uma das poucas casas nobres da aristocracia ahlfariana. Ao contrário da casa Zehir, famosa pela magia que corre em suas veias e produz poderosos feiticeiros, da casa Betting, com suas unhas negras endurecidas como garras de tigre, ou da própria casa real de Orodrin do rei Tavin Espadaforte, com seus famigerados olhos prateados sem pupilas, a casa de Solomon era uma casa nobre que, como outras, não tinha nenhuma marca distinta em sua linhagem que lhes desse uma “vantagem” inata. Pelo contrário.

Os Solomon já foram conhecidos pelo matricídio. Era uma tragédia recorrente – as mulheres Solomon que tinham filhos suficientes eventualmente morreriam no parto, rezava a tradição. Isso perdurou por décadas, até que, cinquenta anos antes, um patriarca Solomon perdeu sua esposa Diana logo no nascimento de seu primogênito. Ele não conseguiu se aguentar de amargura e tirou a própria vida meses depois, mas antes de partir decretou a seguinte regra: a vigília de luto pelas mulheres Solomon se iniciaria no momento de sua morte, e *todos* os servos e membros da casa deveriam largar tudo que estavam fazendo e se dirigir para as capelas da propriedade, a vigília durando um dia inteiro exatamente. A consequência imediata da regra era perversa: o bebê recém-nascido de um parto que causasse a morte de sua mãe não seria cuidado por um dia inteiro após seu nascimento. A intenção era clara: os Solomon esperavam expurgar de seu sangue o que quer que causasse a morte de tantas das suas mães no parto, mas sem matarem os bebês com as próprias mãos.

Deu certo. Após vinte anos, as próximas gerações de Solomon viram bem menos matricídios, e após quarenta, nenhum. Nesse tempo, nenhum bebê sobreviveu ao dia de luto, e o que quer que causasse matricídios no sangue dos Solomon foi sendo eliminado. Até aquela noite.

Sand van Solomon, um capitão de mar e guerra[[1]](#footnote-2) da marinha ahlfariana, esperava o nascimento de seu sétimo filho. O maior já tinha doze anos, era um prodígio com a espada. O segundo preferia os livros e gostava de magia, o que para ele era ridículo. A terceira seria uma verdadeira princesa, quem sabe ele não estava destinado a ser sogro do próximo rei. A quarta e a quinta, gêmeas, eram pestes, não sabia o que seriam delas. O sexto era novo demais para dizer.

E então, a notícia chegou. Sua mulher estava morta. A notícia correu rápido e os sinos soaram. Convocando a todos para as capelas. O choro da criança ecovava no corredor. A parteira, claramente desconfortável, olhava para ele, esperando uma resposta.

- O quê?

- Um nome, senhor. – perguntou ela, provavelmente pela terceira vez, enquanto ele a havia ignorado as duas primeiras, pelo choque. – Qual vai ser o nome do menino?

- Nenhum. – disse ele, virando-se em seus calcanhares e rumando para a menor das capelas, rezando para que estivesse vazia para que ninguém visse suas lágrimas. – Estará morto até o fim da noite.

Um dia depois, uma ama leiteira entrou no quarto de parto. Ela não esperava encontrar uma criança viva, mas foi exatamente com uma que se deparou. Por meio segundo, ela pareceu ver um fio vermelho sangue enrolado na mão da criança, que se esticava através da janela até o horizonte e o infinito, mas no próximo piscar de olhos, o fio sumiu[[2]](#footnote-3). Ela se aproximou do bebê, que com o barulho começou a chorar pedindo leite, e notou que ele tinha uma marca feito uma tatuagem circular ao redor do seu umbigo, um símbolo de Tymora, a deusa da boa sorte.

--

*498 D.D.C.*

- É hoje. Grande dia.

- Sim.

- Será que tem como vocês pararem de falar “grande dia” pra tudo? – disse Elygia a Jansun e Solomon Solomon, seus companheiros de convés. – Nós estamos tomando um pau há anos nessa porra de guerra maldita e vocês aí comemorando que vamos, novamente, tomar uma baila hoje.

- Ely, pelo amor de Tymora, relaxa. – disse Solomon, ajeitando o cinto de torso onde estavam alojados seus quatro javelins. – Os “Macu” já são encheção de saco o suficiente pra você ficar com esse pessimismo por cima de tudo.

- É, querida, acalme-se, hoje tá seguro, o papai tá aqui. – falou Jansun, mandando um sorriso de esguelha pra ela, enquanto apoiava-se na sua velha lança. – E hoje finalmente estamos navegando, é a minha primeira vez em meses em cima de um barco. Talvez hoje comece a nossa virada, hein.

Ela não se dignou a responder. Ahlfar já havia perdido 11 das 28 Ilhas Celestes que detinham. O arquipélago de 47 ilhas era disputado há séculos por Ahlfar e Kyrgios, por algumas razões: a terra era riquíssima em minerais e todas as colheitas das ilhas eram fantásticas; a pedra lunar era especialmente bonita e muitos aristocratas a usavam em estátuas, pisos, palacetes inteiros; o ferro lunar, metal raro achado no subterrâneo das ilhas, era bastante resistente, e brilhava na noite[[3]](#footnote-4); e por fim o diamante lunar, raríssimo, um ótimo condutor de magia e utilizado em faróis pelas duas nações. Perder mais ilhas seria um desastre.

A guerra estava arrefecendo. O avanço de Kyrgios havia esticado suas forças, e eles já não tinham muitos números para avançar rápido ao mesmo tempo que ocupavam as ilhas tomadas. Ao mesmo tempo, as derrotas de Ahlfar deixaram sua frota depredada, e um contra-ataque pujante não era factível. Os kyrgianos e os ahlfarianos não haviam se encontrado em uma batalha naval de larga escala havia seis meses, apenas pequenos embates aqui e ali e missões secretas de um no território do outro. Mas isso mudaria naquele dia. Kyrgios conseguiu avançar um de seus encouraçados enormes intitulados de Intrépidos, armados com várias fileiras de canhões e um enorme aríete na proa capaz de abalroar qualquer navio ahlfariano. A frota remanescente de Ahlfar havia se reunido e estava tentando atrair a frota kyrgiana para uma manobra em pinça. Se não funcionasse, mais três ilhas cairiam até o cair da noite.

- Grande dia é o caralho! – gritou Elygia, assustando os remadores do convés abaixo. Eles tinham medo da Maga de Bordo.

--

*487 D.D.C.*

- Já falei para você parar de roubar comida das cozinhas. – disse Cirian van Solomon a seu primo distante cinquenta anos mais novo.

- Você também me contou como *você* roubava comida das cozinhas e me ensinou os melho-

- Eu sei o que eu falei, agora quieto. – falou Cirian, fingindo irritação, mas Solomon Solomon só riu. Os dois passavam cada vez mais tempo juntos aqueles dias. Não era para menos: depois que a criança descobriu que Cirian era como ele, um pária, os últimos matricidas vivos da Casa Solomon, passou a confiar no homem.

Solomon Solomon tinha seis irmãos, mas seu pai Sand van Solomon impedia qualquer contato prolongado entre as crianças. Solomon Solomon não tinha o “van” em seu nome, a marca de uma casa nobre, pois nem nome tinha, e ficara conhecido pelos trabalhadores apenas com o nome da casa. A “criança Solomon” logo era seguida da pergunta “Solomon quem?”, que era respondida apenas com “só Solomon. Solomon mesmo”, o que com o tempo se deturpou para “Solomon Solomon”. Para a criança, isso era algo bom, permitia que ele fosse até a cidade de Albenor[[4]](#footnote-5), a poucos quilômetros da propriedade, sem ser especialmente notado – não se vestia como um nobre, tampouco se portava ou falava como um, e qualquer suspeita sobre seu nome ser parecido com o da casa era logo solucionado pela ausência do “van”. Esse garoto meio encardido é um nobre? De forma alguma, diziam, sem a menor suspeita.

- Tenho algo a pedir para você, SoSo.

- Para de me chamar disso! – falou a criança, absolutamente irritada. Cirian apenas riu.

- Hahaha, tudo bem. Meu pedido é sério, preste atenção. – Solomon Solomon sentou empertigado e deixou de lado a coxinha de galinha que estava devorando. Era um bom menino. – Você vai começar a treinar comigo. Quieto! – Cirian levantou a mão porque a criança já ia o interromper. – Você precisa entender a sua posição. Somos – eu e você – párias, Solomon. Párias significa excluídos e isolados. Seu pai fez questão disso. Seus irmãos são proibidos de falar com você, e embora Lara e Lena[[5]](#footnote-6) interajam contigo pelas costas dele, ele nunca permitirá que isso seja às claras, por mais rebeldes que sejam. Você fez oito anos, garoto, seu corpo já está pronto para começar. Vai doer, vai ser duro, você vai querer desistir, mas *a sua vida depende disso*, está me entendendo? Você precisa ser forte, você precisa endurecer, você precisa ser capaz de se defender. Eles não vão deixar você entrar na corte, eles não vão te dar acesso aos livros, eles não vão te iniciar como um acólito. Eles não te deram um nome, não te deram irmãos, não te deram conforto ou afeto. Você só tem o caminho da espada. Te espero ao raiar do sol, vamos começar com as escadas.

--

*498 D.D.C.*

- GRANDE DIA, SOLOMON! GAHAHAHAHA! – berrou Jansun, enlouquecido, pulando para um barco ahlfariano vizinho que havia encostado no deles, na confusão.

O mundo era só caos. As armas de fogo dos Maculados perfuravam madeira e músculos dos homens de Ahlfar, mas elas eram poucas se comparadas às flechas e magias da frota ahlfariana. Mas quantidade e efetividade são coisas diferentes e a batalha permanecia dura.

- EM FREEEEENTE – berrou a capitã Lisandra, manobrando o timão e ela mesma puxando algumas das cordas que prendiam as velas para desvendá-las. Os vinte remadores no convés abaixo ouviram o urro da leoa, e em frente avançaram. A galé pegou velocidade, o aríete mirado em um navio kyrgiano, com o flanco aberto à frente deles.

- Todos, comigo! – gritou Solomon Solomon, se posicionando em um joelho na proa, perto do aríete, pronto para abordar o navio inimigo assim que fosse abalroado. Elygia se postou ao lado dele, colocando uma mão em seu ombro. Ele sentiu um ardor descendo pelo seu ombro onde a mão dela estava, descendo até suas pernas. Ele odiava quando ela fazia isso sem avisá-lo.

CRÉÉÉÉÉQUE. O aríete bateu, partindo a madeira do casco inimigo. Berros de dor dos remadores kyrdianos que haviam sido esmagados pelo aríete foram engolfados pelo grito de guerra dos ahlfarianos abordando. Solomon Solomon foi à frente, visivelmente mais rápido do que o usual, em razão da magia lançada[[6]](#footnote-7) em si.

Ele pulou no convés inimigo, e prontamente escorregou, caindo aos pés de um major Maculado que lhe desferiu uma machadada no peito.

Ou foi isso que todos pensaram ter visto.

No que pareceu um *dejà vu*, Solomon Solomon pulou no convés inimigo, um segundo depois de ter pulado, como se a cena se repetisse. Dessa vez, um fio vermelho escuro feito sangue se enrolava em suas pernas, e continuava reto, até o horizonte. Só que dessa vez ele não escorregou, mas sim derrapou no convés, e em vez de cair na frente do inimigo, ele atingiu suas pernas. O homem caiu ao seu lado, e o ahlfariano desceu-lhe uma adaga no rosto. Um observador atento teria notado um gato, vermelho como o fio, observando a cena de cima do mastro.[[7]](#footnote-8)

Solomon, ainda caído, berrou para os ahlfarianos que avançavam, chamando-lhes. Ele havia derrotado o segundo em comando daquele convés, o resto era com os outros. Elygia se aproximou de Solomon Solomon, já conjurando uma flecha ácida de um metro de comprimento e a arremessando sobre o capitão, do outro lado do convés.

- Eu vi o que eu vi? Não é a primeira vez que você faz alguma coisa dessas e eu fico achando que estou louca e vendo coisas.

- Ely, não é hora, se preocupe com o ... – Solomon ia falar do capitão Maculado, mas ele já estava caído, com uma enorme flecha verde trespassando-lhe o peito, uma poça de ácido e sangue corroendo a madeira embaixo. – Que horror, que bom que você está no meu time. Cadê o Jansun, aquele desequilibrado?

--

*493 D.D.C.*

- Muito bom. Pode melhorar, mas está muito bom. – Disse Cirian. A idade já lhe invadia os ossos, e forçava sua coluna. Sessenta e quatro anos o faziam um ancião, mas ele ainda estava bem o suficiente fisicamente.

- Eu consigo fazer melhor. Vamos de novo. – disse Solomon Solomon, segurando a lança com mais força.

- Não precisa. Descanso é importante. A palma da sua mão já está sangrando. Vá se alimentar. Te vejo de noite para sua aula de história.

- Vou ficar mais um pouco.

Cirian suspirou e se afastou. Solomon Solomon com catorze anos já era maior do que muitos garotos de dezessete. Ele estava em muito melhor forma do que qualquer dos guardas da propriedade, e era capaz de correr por dezenas de quilômetros por dia. Cirian o havia preparado fisicamente e a habilidade com todas as armas já estava ali. Ele agora precisava treiná-lo nos intangíveis – estratégia, mentalidade dentro do combate, e coisas assim. O principal problema seria percepção e posição de aliados – não havia aliados, e o estilo de combate de Solomon era demasiado individualista. Alguém que luta e sempre lutou sozinho.

Com quinze anos, ele poderia se alistar, na marinha ou no exército. E era isso que queria fazer. A vida ali na propriedade dos Solomon era dura: não tinha nenhum amigo, com exceção das gêmeas, e todos o evitavam com medo da reprimenda de Lorde Sand van Solomon, que agora havia virado o patriarca, e um dos três almirantes da marinha ahlfariana.

Cirian tinha que dar o braço a torcer sobre Lara e Lena: elas permaneceram fiéis a ele, apesar de brigas homéricas com o pai sobre isso, e mais de algumas surras. Cirian já as havia pego mais de uma vez treinando com adagas e dardos com seu mordomo pessoal, Thryl Thrytitiril, que já fora uma das cinco Espadas[[8]](#footnote-9). Não gostava do cheiro daquilo, não parecia ser um treinamento de defesa pessoal, parecia...bem, não era o lugar dele se meter. Nem de criticar, afinal, ele próprio estava criando e ensinando uma verdadeira máquina de matar.

Solomon teve uma infância dura, mas se tornou alguém justo e comprometido, absolutamente disciplinado, embora um pouco “prático e simplório demais”. Muito tempo treinando e pouco tempo pensando, Cirian gostava de caçoar. Não era alguém amargo, pelo contrário, parecia resignado com sua posição com os Solomon e saía cada vez mais para Albenor, interagir com as gentes. Cirian sabia que, não fosse por ele e pelo fato de seu treinamento não ter acabado ainda, Solomon Solomon teria partido daquele lugar muito tempo antes, achado seu lugar como estivador em algum porto, ou ajudante em alguma loja. Seria alguém sem nome e sem muita inspiração. Gostava de pensar que havia feito um bem ao garoto – o treinamento certamente impediu muitos bullyings, e os que não impediu, o garoto soube lidar bem nas brigas, sem nunca apanhar, mas também sem nunca bater em ninguém, sob pena de seu pai talvez mandar executá-lo.

Cirian subiu as escadas para seu pequeno aposento, o mais afastado possível dos prédios principais – a verdade é que ele não era bem vindo em nenhum lugar ali na propriedade e somente sua fama como a Espada mais letal do reino o mantinha ileso de uma expulsão por Lorde Sand. Estava aposentado, é claro, mas ainda conseguiria acabar com todos os guardas da propriedade antes que um deles soasse o alarme. A verdade é que tinha aposentos – no castelo real – que utilizou pelo tempo em que foi uma espada, mas abandonou-os no momento em que Solomon Solomon nasceu. Precisava proteger o outro matricida.

Olhando da janela de seu quarto, Cirian viu Solomon Solomon treinando uma estocada da lança, enquanto no braço esquerdo levava um escudo. O movimento estava ótimo. Às vezes ele se perguntava se não deveria ter simplesmente pego a criança e levado com ele para a corte. Não é como se fosse de conhecimento geral Sand van Solomon tinha um sétimo filho, havia apenas rumores porque os servos cochicham uns com os outros. Logo em seguida, Cirian lembrou-se de Solomon fazendo o exato mesmo movimento, dois anos antes, enquanto Lara e Lena observavam e caçoavam dele, fazendo-o perder a concentração. É, ele não havia levado a criança porque aquelas duas irmãs dele ainda eram um semblante de uma família, e não podia arrancá-lo delas. Cirian nunca teve uma família, sabia o quanto doía.

Solomon deu uma estocada final e parou o treino finalmente. Sua mão estava cheia de cortes, e ele correu para colocá-la embaixo d’água. Iarlo, o irmão mais velho de Solomon Solomon e primogênito, tinha vindo visitá-lo no dia anterior, e por isso ele estava um pouco transtornado. Se havia falado com Iarlo três vezes na vida era muito. Iarlo agora era capitão de mar e guerra da marinha, um dos mais novos da história de Ahlfar, aos vinte e seis anos. Os dois não se falaram, apenas se olharam, até que Iarlo deu um pequeno aceno com a cabeça e foi embora. Cirian não soube responder o porquê de ele ter vindo, mas disse que achava que era porque uma Quarta Guerra Celestial acabara de ser declarada e Iarlo poderia não voltar vivo. Solomon Solomon pensou bastante, mas não conseguiu encontrar em seu âmago preocupação pelo seu irmão.

--

*498 D.D.C.*

Jansun estava se engalfinhando com um Maculado em cima de um navio a quarenta metros de distância. A cauda da criatura havia se enrolado em volta de seu pescoço, e ele estava perdendo as forças. Ely estava longe, e Solomon Solomon precisava agir rápido. Seus quatro javelins já estavam há muito perdidos – seja no fundo do mar, seja no peito de algum inimigo. Sua espada também ficara pelo caminho. Lhe restava suas duas machadinhas, uma das quais ele estava no processo de atirar na direção do Maculado, muito mais longe do que gostaria.

Assim que a arma saiu de seus dedos, soube que o arremesso ia errar o alvo por uns bons dois metros para a direita. Então ele se permitiu sentir e puxar o fio do destino, que lhe envolveu o torço e o braço de arremesso, e consertou seu arremesso, utilizando toda a sua concentração para não errar[[9]](#footnote-10). Um conhecido gato cor de sangue apareceu no canto da sua vista, mas perto do que da última vez. O machado voou sobre água e fumaça de pólvora, indo se alojar na panturrilha do Maculado inimigo. Não o matou, mas foi o suficiente para ele soltar Jansun, que pegou sua lança no chão e perpassou o inimigo.

- Você me deve cervejas pelo resto da vida, parceiro! – gritou Solomon Solomon para seu amigo careca. Jansun gritou algum gracejo de volta, mas o primeiro guerreiro só gesticulou, chamando-o, e já estava correndo pelo convés, indo em direção da galé da capitã Lisandra, que havia abalroado aquele navio inimigo minutos antes, e agora manobrava. Fazia quatro horas que eles haviam se perdido da sua galé original naquele caos todo.

- Onde vocês estavam, caralho?!? Estava aqui morrendo de preocupação. – gritou Elygia, gesticulando enquanto eles chegavam para que corressem e pulassem para a galé que dava ré. Jansun desabou no convés amigo, cansado demais para se mexer, mas com fôlego suficiente para falar:

- Você tá com tempo pra se preocupar? Vida de mago é muito boa mermo.

Solomon Solomon soltou uma risada e até a própria Ely segurou o sorriso. Havia outros ahlfarianos que Solomon não conhecia com eles ali, guerreiros, arqueiros, magos, cujas galés e naus haviam naufragado e agora estavam com eles. Muitos eram remadores, que foram dados espadas e adagas e iriam invadir os barcos inimigos junto com eles. Não pareciam prontos, e Solomon Solomon logo tratou de encorajá-los, enquanto enfaixava as próprias feridas.

Lisandra guiou a galé para o coração da batalha, onde as forças ahlfarianas estavam vencendo, surpreendentemente, mas seria só questão de tempo para a situação mudar se o Intrépido não fosse tomado. Ela rumou em direção a ele, mas havia ainda dezenas de barcos no caminho. Não haviam chegado nem perto quando um galeão inimigo surgiu de trás de uma nau ahlfariana, em rota de colisão com o flanco da galé em que estavam. Era enorme, iria afundá-los na certa. Lisandra não pensou duas vezes, soltou a âncora a bombordo, o que fez o navio virar bruscamente, de encontro ao outro. O que era para ser um massacre virou encontro de aríetes, e embora a galé ahlfariana tivesse claramente levado a pior, o convés ainda estava intacto. E então as forças inimigas os abordaram e o caos reinou novamente.

--

*497 D.D.C.*

- Tente não usar muito a Sorte. É visível, SoSo, e algum inimigo poderoso pode achar que é algo mais do que uma simples benção e focar em você. – disse Cirian a um Solomon Solomon de dezoito anos, pronto para ir pra guerra. – Ainda não acredito que você pediu para ir.

- Estamos perdendo, Cici. É o correto a fazer.

Cabeça dura. Cirian havia ficado preocupado anos antes quando Solomon Solomon decidiu ir para a marinha em vez de ir para o exército: todo o seu treinamento havia sido em terra, e até onde ele sabia, o garoto nunca tinha pisado em um barco na vida. Agora a preocupação triplicara, sabendo que o garoto pediu para ir às linhas de frente.

- E sua presença vai fazer a diferença?

- Acho que um pouquinho. – disse Solomon, rindo e dando de ombros.

- Já se despediu de Lara e Lena?

- Sim, ontem. Elas também estão indo para algum lugar. Fiquei com a sensação de que é alguma missão secreta hahaha, nunca se sabe com elas. – Solomon riu, mas Cirian desconfiava que havia mais verdade naquelas palavras do que qualquer um deles sabia.

--

*498 D.D.C.*

- Mas que inferno! – esbravejou Solomon, de frente para um warforged dos Maculados. A batalha havia se movido para o convés do galeão kyrgiano, que havia sido tomado. A galé em que navegavam já não navegaria mais, e eles precisaram tomar aquele navio para seguir. Acontece que agora estavam muito próximos do coração da batalha, e essas bestas metálicas dos Maculados começaram a surgir. Não eram muitas, mas em número suficiente para dar dor de cabeça.

A situação era crítica. Solomon Solomon precisava chegar até a sua antiga galé para ajudar Elygia, que ficara para trás para guiar os remadores e ainda não tinha conseguido subir no galeão, atracada no momento com um Maculado filho da puta que tinha um escudo que refletia as magias dela. Tinha um warforged entre ele e o objetivo, e Solomon estava sem armas, só seu escudo. O warforged tinha um martelo de guerra anão, que ele provavelmente tirara de alguma campanha de infiltração em Khordaldrum, uma coisa bonita. Ele ia ter que pegar aquele martelo.

Solomon avançou, o escudo no alto, e deu uma finta para o lado. O warforged não mordeu a isca e o machado desceu em cima do humano, que estava esperto e bloqueou com o escudo, imediatamente seguido de uma cotovelada no rosto do warforged[[10]](#footnote-11). Não surtiu tanto efeito quando gostaria, mas distraiu o warforged o suficiente, para que ele circundasse o construto e se colocasse entre ele e Ely, dez metros atrás de si. O warforged desferiu um golpe lateral, pelo lado direito de Solomon, longe do escudo. O homem dessa vez não fugiu, mas tomou o golpe, aproveitando para abraçar o martelo, pular e chutar o peito do warforged com os dois pés e toda a força que lhe restava, arrancando o martelo de suas mãos.

O warforged levantou imediatamente, feito a máquina que é, enquanto Solomon Solomon levantou com alguma dificuldade, pendendo para o lado. Sentiu seu flanco direito quase ceder, certo de que pelo menos três de suas costelas foram quebradas com o golpe do construto. O guerreiro respirou fundo e retirou forças de todos os seus anos de treinamento e disciplina, se postando ereto, esquecendo de seus ferimentos[[11]](#footnote-12).

De supetão, Jansun chegou, na surdina e por trás do warforged, enquanto Solomon atacava pela frente. No entanto, isso não foi suficiente, o warforged se contorceu e usou seus braços e pernas para aparar os golpes, como se tivesse olhos atrás da nuca. Somente no fim da Quarta Guerra Celestial é que Maculados capturados revelariam alguns segredos dos warforged, inclusive a sua mente-colmeia chamada Conglomerado, que vê tudo pelos olhos de cada warforged. Os dois ahlfarianos não perceberam um warforged em um navio vizinho, observando a batalha atentamente, efetivamente dando todas as informações necessárias para seu irmão metálico superar qualquer desvantagem daquela luta.

BOOOOOOOOOOOM.

O mundo tremeu quando o convés do Intrépido explodiu a poucas centenas de metros deles, fruto de alguns marinheiros ahlfarianos destemidos que descobriram a localização do armazém de pólvora do enorme navio e uma flecha mágica imbuída com uma bola de fogo bem mirada. Madeira e destroços choveram para todo o lado e as forças ahlfarianas gritaram em vitória. Um feiticeiro ahlfariano, agora motivado pela virada da maré, lançou um raio que cruzou o campo de batalha e atingiu em cheio o peito de Kahn, um famoso almirante Maculado de um chifre só, que caiu na água e nunca mais foi visto. A batalha estava ganha, mas Jansun e Solomon ainda tinham que ganhar o próprio combate.

O Conglomerado agiu contra o warforged nesse momento. A explosão matou muitos dos construtos, e tanto o barulho quando o apagar de mentes da colméia chamou tanto a atenção dos warforged que cada um deles hesitou por um segundo. Solomon usou essa oportunidade. Avançou, desferindo um golpe descendente contra o warforged, o atingiu no pescoço e no ombro, desarranjando sua caixa torácica de madeira e metal. Solomon desferiu um próximo golpe, idêntico ao primeiro, mas o warforged levantou ambos os braços e se defendeu. O ahlfariano então largou o martelo, e abraçou ambos os braços do warforged, prendendo-o naquele lugar.

- JANSUN! Agora, estocada no ombro dele! – gritou Solomon, cedendo a vez para o companheiro, e direcionando seu ataque[[12]](#footnote-13). Talvez os ensinamentos de Cirian sobre lutar em conjunto servissem para algo. A lança perfurou fundo o ombro do warforged, e com um tranco, Jansun arrancou o braço esquerdo do construto. Solomon Solomon pegou o próprio braço do warforged no chão e usou-o como porrete para desferir uma severa pancada no rosto da besta metálica, que voou para o lado e ficou, inerte, no canto do convés.

- Solo-! – ele ouviu um grito abafado e olhou para trás. A cauda do Maculado envolveu o rosto de Elygia, e afundou-a na água, que já tomava o convés do outro navio até os joelhos.

Solomon Solomon pegou o martelo no chão e disparou, muito mais rápido do que alguém diria que um guerreiro de cota de malha conseguiria, e cobriu a distância em um piscar de olhos, pulando do galeão até a galé naufragando[[13]](#footnote-14). A última coisa que o Maculado viu foi um humano enorme, musculoso como um touro, descendo-lhe um martelo de guerra na face enquanto envolto por um fio vermelho como sangue que disparava de horizonte a horizonte, com um gato da mesma cor em seu ombro.

Jansun observou preocupado enquanto Solomon Solomon pegou Ely pelo colarinho, a colocou no ombro e a carregou até o galeão. A galé em que estavam afundava rapidamente agora, a água já na cintura, mas Solomon estava, infelizmente, acostumado a carregar aliados caídos. Conseguiu chegar até o galeão e se agarrar nas ameias antes de a galé afundar completamente. Ao longe, do timão, Lisandra viu Solomon e Elygia voltaram sãos e salvos, e finalmente deu a ordem para saírem dali. Ainda havia algum tempo de batalha pela frente, mas estava ganha, e Kyrgios estava batendo em retirada.

- Vamos em frente, capitã? – perguntou Jansun, subindo até o timão. Ele havia perdido alguns dentes, um dedo e um olho, estava horrível, mas pronto para lutar. A capitã não teve coragem de falar para ele que aquela vitória fora quase um milagre militar, e justamente o que precisavam para conter o avanço de Kyrgios, mas nem perto de significar uma virada na guerra. O alto comando também sabia disso, e se contentaria com a perda de onze ilhas em troca de uma trégua.

- Acho que não, Jansun. Acho que não vamos em frente por um bom tempo.

--

*499 D.D.C.*

Solomon Solomon andava pelos corredores d’A Rocha em direção ao gabinete de Dras van Betting, um oficial de alta patente da Patrulha Real. Porque fora convocado ali, ele não sabia. Solomon hesitou por apenas um segundo ao entrar e se deparar com Jenkla van Solomon, um dos seus irmãos mais velhos[[14]](#footnote-15). O mago sustentou o olhar do guerreiro por um breve tempo até se virar para Dras e dizer:

- Como eu estava dizendo, esses itens mágicos precisam passar pelo Arquivo da Coroa para serem categorizados, catalogados e imbuídos de magias de rastreamento para que não se percam.

- É claro, arquivista. Como quiser. – retorquiu Dras, batendo suas unhas negras na mesa de forma rítmica. Assim que as patrulhas voltarem das missões eu vou lembrar eles das regras. Pode ser que algumas missões demorem meses, até anos. Tem Capas Vermelhas que estão em missão há mais tempo do que eu estou aqui. É *claro* que, - falou Dras, levantando uma mão e interrompendo Jenkla, que já estava abrindo a boca para responder – eu não sou nem a mais alta autoridade aqui, e qualquer coisa além disso são os chefões que tem que decidir. Dispensado.

- É claro, lorde Betting. Obrigado por seu tempo. – Jenkla fez uma meia reverência e saiu, demorando seu olhar sobre Solomon Solomon.

- Hehe, peguei ele de jeito. – riu Dras, gesticulando para que Solomon se sentasse. – Eu sabia que seria uma boa escolha te chamar aqui justo na hora que ele veio me encher o saco. Eu vou lá ficar entregando os itens mágicos que a Patrulha acha pra Coroa? Eles vão pegar uma penca para eles, e nós vamos ficar desfalcados. Se eles quiserem, vão ter que mandar Inquisidores aqui para confiscar. E sim, eu sei quem você é, garoto. Há poucos segredos entre os nobres.

Solomon Solomon apenas esperou, calado.

- *sigh*...tudo bem, garoto, direto ao ponto então. Estou requisitando você para a Patrulha Real. Você e seus amigos Jansun e Eygia. Não negociável. Antes que conteste, a marinha precisa desinchar. As fileiras deles estavam com muitos números por conta da Quarta Guerra Celestial, mas agora que o tratado de paz temporária foi assinado e nós temos um território naval bem menor, não precisamos de tanta gente lá e estamos repartindo entre exército, polícias e a Patrulha. Pelo que ouvi, e ouvi bastante, você é um homem de ação. Não vai querer ficar parado guardando vigia em uma praia, se defendendo de um ataque Maculado que não virá tão cedo. Aqui na Patrulha Real temos missões *reais*, de maior ou menor complexidade ou importância. No início, você vai receber besteiras – bater fronteiras em locais específicos, ajudar em chamados para auxiliar a polícia, investigar uma ou outra coisa bizarra que algum camponês diga ter visto, esses infernos. Mas depois, começa a brincadeira. O que me diz?

- Onde eu assino? – disse Solomon Solomon.

--

*500 D.D.C.*

Solomon Solomon cavalgou até a propriedade da casa de Solomon pela primeira vez em alguns anos. Seu trabalho na Patrulha, por mais que ainda fosse simples e não tivessem te dado nenhuma missão tão complexa, o ocupava bastante. Sempre que podia ele trocava cartas com Cirian, Lara e Lena, mas não os encontrava há algum tempo, pois estava baseado em Varúsia e os três em Albenor. Mas dessa vez, ele viera em pessoa.

- Cirian! – berrou Solomon, avistando o velho, agora no auge de seus 71 anos. Eles se abraçaram com força. Cirian era um terço da família que Solomon tinha e o guerreiro era toda a família que Cirian tinha. Mas isso estava prestes a mudar.

- Obrigado por vir, Solomon. Uma presença mais...física talvez seja necessária nesse momento, como um aviso de que o bebê não pode ser tocado. A criança sobreviveu ao dia, assim como você. Não sei se é outra benção, não sei o que houve[[15]](#footnote-16), só sei que está bem e as amas leiteiras estão cuidando bem dela agora. É uma menina. Ninguém quis nomeá-la então estou chamando ela de Sol, por enquanto. A mãe é uma prima distante sua, você não a conheceu. O pai está um pouco transtornado, mas tem outros três filhos para se “consolar”, digamos assim. Talvez faça alguma besteira. Estou acompanhando de perto.

- Sol Solomon é um péssimo nome, sem contar que vai ficar bizarro se alguém falar nossos nomes juntos. “Sol Solomon e Solomon Solomon”. – disse o guerreiro, perdendo o fio da meada. Cirian levantou uma sobrancelha, como quem diz “foco”. Solomon então sorriu e disse: - podemos seguir com Diana? Sempre achei um nome bonito.

- Era o nome da minha mãe.

- Eu sei.

Cirian apenas acenou, contendo as lágrimas. E disse: - Eu ainda estou forte. Consigo cuidar dela. Você só precisa aparecer de vez em quando. É bom ela ter algum semblante de família que não seja um velho decrépito.

- Velho decrépito que ainda pode fatiar um homem antes que ele consiga dizer “torta”. Mas pode deixar, Cirian. Entre minhas missões, virei aqui. E continuo escrevendo. Tem alguém que precisa de um “susto” no momento?

- Seu pai, talvez, mas fique longe dele. Não pense que o fato de estar na Patrulha Real agora pode protegê-lo. Aidan[[16]](#footnote-17) também não é flor que se cheire. Ele está ficando igualzinho a Lorde Sand.

- Tudo bem. Vou fazer uma visitinha ao Aidan. Vou escrever à Lara e Lena sobre a criança também.

- Tem certeza, SoSo? Elas sofreram muito pela amizade que mantiveram contigo, mas são suas irmãs. Elas vão querer se envolver com o fruto de outro matricídio, um que elas não têm nada a ver?

- Sim! Precisamos delas como aliadas, Cirian. Não foi você quem me ensinou a não lutar sozinho?

--

20.09.2021.

Matheus Dias Patrocinio

1. **Nota para o Mestre**: Análogo a um coronel. [↑](#footnote-ref-2)
2. **Nota para o Mestre**: Essa é minha ideia de como é o visual do uso de Lucky. O fio do destino aparece e some no momento seguinte. Vou explicar melhor mais à frente. O Lucky vem da bênção de Tymora, é essa a explicação para o Feat. [↑](#footnote-ref-3)
3. **Nota para o Mestre**: Sugestão de itens: toda arma feita com ferro/aço lunar é uma arma +1 que emite uma leve luz que ilumina um raio de 5ft. A ideia é serem raras e só portadas por alguns poucos campeões de cada lado. [↑](#footnote-ref-4)
4. **Nota para o Mestre:** Pode ser a capital. [↑](#footnote-ref-5)
5. **Nota para o Mestre**: as gêmeas, quarta e quinta filhas de Sand van Solomon. [↑](#footnote-ref-6)
6. **Nota para o Mestre**: Ela lançou Expeditious Retreat nele. [↑](#footnote-ref-7)
7. **Nota para o Mestre**: A ideia aqui é que o bonito tirou 1, ia tomar um estabaco e se fuder, mas usou Lucky e “consertou o resultado”. Gostei dessa ideia de todo mundo que está assistindo meio que vê a cena de novo, dessa vez com o resultado correto, e o fio vermelho da “Boa Sorte” fica visível brevemente. O gato vermelho sangue seria algum avatar de Tymora. [↑](#footnote-ref-8)
8. **Nota para o Mestre**: As Espadas são os cinco guardas pessoais do Rei de Ahlfar. [↑](#footnote-ref-9)
9. **Nota para o Mestre**: Maneuver de Battlemaster – Precision Strike. [↑](#footnote-ref-10)
10. **Nota para o Mestre**: Maneuver de Battlemaster – Riposte. [↑](#footnote-ref-11)
11. **Nota para o Mestre**: Second Wind. [↑](#footnote-ref-12)
12. **Nota para o Mestre**: Maneuver de Battlemaster: Commander’s Strike.. [↑](#footnote-ref-13)
13. **Nota para o Mestre**: Action Surge! [↑](#footnote-ref-14)
14. **Nota para o Mestre**: Iarlo é o mais velho (Guerreiro). Jenkla é o segundo. [↑](#footnote-ref-15)
15. **Nota para o Mestre**: Estou dando ampla margem para você inserir algo da história do mundo aqui, alguma bizarrice do plot principal que sei que está por vir. [↑](#footnote-ref-16)
16. **Nota para o Mestre**: Aidan é o sexto irmão de Solomon. Na ordem: Iarlo, Jenkla, Mylena, Lara, Lena, Aidan e Solomon. [↑](#footnote-ref-17)